

Ressignificação dos espaços urbanos por meio da arte do grafite

Redefinition of urban spaces through graffiti art

KAROLINE RODRIGUES DE ARAUJO

Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo (UNIPAM)

E-mail: karolinearaujo@unipam.edu.br

RAUL JOSÉ DA COSTA

Professor orientador (UNIPAM)

E-mail: rauljc@unipam.edu.br

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo compreender como o grafite atribui novos significados aos espaços em que se insere, identificando sua relevância para sociedade. Para isso, foi adotado como objeto de estudo o Beco do Grafite, local dotado de múltiplas representações e signos gráficos e caligráficos, situado na cidade de Patos de Minas (MG), especificamente na Rua Raimundo Alves, Bairro Cidade Jardim. Para essa análise, foi necessário, em primeiro momento, explorar o grafite brasileiro em sua totalidade, perpassando por suas múltiplas faces, artística, cultural e linguística, para, por fim, adentrar de modo mais aprofundado no objeto de estudo já mencionado.

Palavras-chave: resignificação; espaço urbano; grafite; arte.

Abstract: The present study aimed to understand how graffiti attributes new meanings to the spaces in which it is inserted, identifying its relevance to society. For this purpose, the Beco do Grafite was adopted as the object of study, a place endowed with multiple representations and graphic and calligraphic signs, located in the city of Patos de Minas (MG), specifically on Raimundo Alves Street, Cidade Jardim neighborhood. For this analysis, it was necessary, in the first place, to explore Brazilian graffiti in its entirety, covering its multiple artistic, cultural and linguistic aspects, in order to finally delve more deeply into the aforementioned object of study.

Keywords: re-signification; urban space; graffiti; art.

1 INTRODUÇÃO

As modalidades de comunicação estão em constante evolução. As pinturas e imagens rupestres da pré-história foram expressões de cunho comunicativo, organizadas e pensadas como linguagem estruturada. Essas representações artísticas eram feitas nas superfícies das cavernas com ferramentas pontiagudas como chifres e dentes de animais e com substâncias pigmentadas como carvão e terra. Acredita-se que essas ilustrações tinham como objetivo principal relatar o cotidiano, as crenças, os valores e os rituais realizados nesse período.

No decorrer do tempo, o homem ganhou voz, adotou novos símbolos para se comunicar e, por fim, desenvolveu e aprimorou a escrita. Os anos se passaram, e as formas de manifestação foram lapidadas. O indivíduo transformou-se ao longo tempo, as cidades começaram a ser erguidas de maneira veloz. O novo homem, que, em épocas passadas, buscava mecanismos para se comunicar, hoje luta para ser visto, ouvido e compreendido na sociedade frenética do mundo atual. Para Carballeira (2021, *online*), “somos uma sociedade que fala muito, narra pouco e escuta menos”.

As cavernas, utilizadas como moradias em cujas paredes eram feitos painéis para retratar fatos do cotidiano, foram substituídas por paredes de concreto, e as novas telas, em alguns lugares, são conhecidas como espaços públicos, uma galeria de arte aberta a todos. No lugar das pinturas rupestres, há um novo meio artístico-comunicativo, o grafite. Essa forma de manifestação urbana surgiu no final da década de 1960 no Bronx, distrito de Nova York, oriundo do movimento nomeado hip-hop; assim, o grafite contempla um dos elementos adotados com o propósito de dar voz às minorias. (GOMES, 2009).

A prática de grafitar se espalhou rapidamente pelo mundo. No Brasil, os primeiros registros de grafite ocorreram no início da década de 1970 em São Paulo, fruto do movimento de jovens da periferia ligados ao hip-hop. A aceitação do grafite no país ocorreu a passos lentos, tendo em vista que o ato de grafitar passou a ser considerado legal no Brasil somente depois de mais de quarenta anos de seu surgimento. Tal fato se efetivou depois do sancionamento da Lei Federal nº 12.408, de 25 de maio de 2011, que modificou o artigo 65 da Lei Federal nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, legalizando o ato. O parágrafo segundo do artigo 65 da Lei 12408/2011 diz:

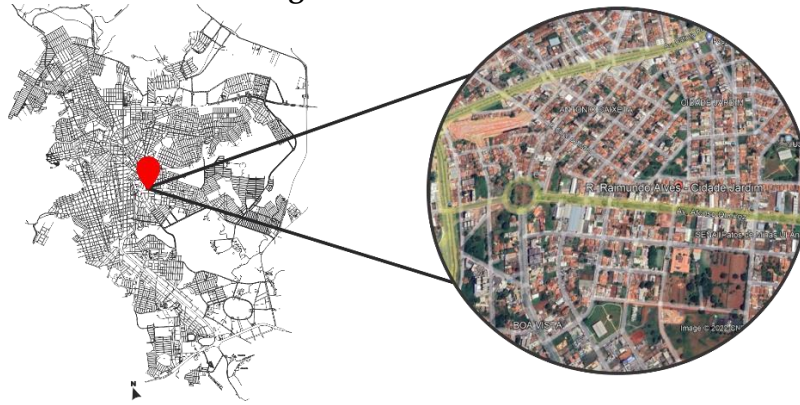
Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional (BRASIL, 2011).

A cultura do grafite, absorvida pelos estados brasileiros, traz cor para as cidades. Os desenhos se multiplicam por suas ruas e muros, os artistas dão vida aos prédios públicos e mobiliários urbanos. A miscelânea das cores, formas e movimentos, representados nos espaços através dos *sprays* de tinta, um dia intitulada como vandalismo e caracterizada como crime ambiental, ganha novos significados e surge como uma lacuna de comunicação de ordem social, política e cultural.

Desse modo, os grafiteiros têm utilizado o grafite, entre outros intuitos, com o propósito de ressignificar áreas degradadas. Na cidade de Patos de Minas, Minas Gerais, existe um exemplo dessa prática, que será alvo de estudo desta pesquisa. A área localizada na Rua Raimundo Alves, bairro Cidade Jardim, também conhecido como Beco do Grafite, começou a receber intervenções artísticas a partir do ano de 2010. Nessa

época, os grafites ocupavam pouco mais de três metros e, hoje, doze anos depois, são mais de cem metros de muros carregados de criatividade, bom humor, reflexões e representatividade, elementos que trouxeram um novo significado para o local que ainda não foi alvo de estudos após a intervenção (DANNEMANN, 2015).

Imagem 1: Beco do Grafite



Fonte: elaborada pelos autores, 2022.

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar o grafite como ferramenta de ressignificação dos espaços degradados. O objetivo específico foi identificar a relevância do grafite, como manifestação artística, cultural e linguística, para sociedade e seu poder de transformação no espaço público.

A pesquisa justifica-se tendo em vista que o Brasil, com sua ampla dimensão territorial, exala diversidade cultural pelos quatro cantos. O país é mundialmente conhecido pela sua riqueza de produções e manifestações artísticas. A arte tem o poder de permitir a criatividade, fortalecer a sensação de pertencimento do espaço, criar um canal para expressão de sentimentos, comunicação e proporcionar a união dos povos. (FISCHER, 1987, p. 20).

2 REVISÃO DE LITERATURA

Antes de abordar os grafites do Beco do Grafite, é necessário compreender o contexto de florescimento da prática no Bronx, Nova York, no final da década de 1960. O ato de grafitar iniciou em um período pós-industrialização, em que houve a acentuação das diferenças sociais devido ao fato de que muitas pessoas foram demitidas devido à implantação das máquinas nas indústrias (SOUZA; FIALHO; ARALDI, 2009). Pode-se afirmar seu nascimento durante o caos social vivenciado no distrito.

Assim como nos Estados Unidos, a chegada do grafite no Brasil no início de 1970 ocorreu em um momento de caos, numa época em que o povo brasileiro vivia o auge da ditadura militar. Tal período foi marcado pelo exacerbado regime autoritário que restringia todas as esferas, social, cultural e política (FICO, 2004). Frente à cassação dos direitos humanos, novas formas de manifestar foram introduzidas na sociedade, entre elas o grafite.

Com o passar dos anos e com o espraiamento do grafite, os traços foram sendo aprimorados, dando origem a uma gama de estilos. Atualmente os mais conhecidos e

executados no território brasileiro são o grafite em três dimensões, o bomb, o stencil, o wildstyle e o estilos artístico ou de livre figuração.

O que dominava antigamente eram as letras. Hoje temos uma cultura que se expandiu: novas formas são exploradas, e personagens, símbolos e abstrações começam a proliferar. [...] O estilo de cada artista é desenvolvido sem nenhuma restrição, com a utilização de stickers (etiquetas), pôsteres, estênceis, aerógrafos, pastéis oleosos, todas as variedades de tinta e até mesmo de esculturas (GANZ, 2008, p. 7).

A modalidade artístico-comunicativa do grafite expressa desigualdades territoriais e evidencia resistência (SANTOS, 2010). Nesse sentido, de modo mais abrangente, a população emudecida cria um lugar de fala que abarca a representatividade social e a formação da identidade artístico-cultural. A partir disso, elementos como paredes e muros, que tinham como única função delimitar o público e o privado, ganham novos significados (SANTOS, 2010).

Guatelli (2012), professor e arquiteto, caracteriza os muros, assim como as marquises, colunas de viadutos e postes como entre-lugares. Tal expressão pode ser traduzida por aquilo que está na interseção dos espaços programáticos, ou seja, de modo mais simplificado, os entre-lugares são espaços residuais da urbe. O autor afirma que esses locais podem ser apropriados de infinitas maneiras, uma vez que não são dotados de interesse financeiro, porém apresentam um imenso potencial quando tratado como espaço para criação.

Seria no espaço, não no espaço predeterminado, mas nos “entres”, nos espaços livres de preconfigurações que vivenciaríamos esses “momentos de invenção” e criaríamos condição para o *devenir autre*, indo além dos limites impostos pelo “natural”, pela história construída por discursos dominantes (GUATELLI, 2012, p. 32).

Ao longo da história, o elemento urbano muro foi profundamente analisado por diversos autores, visando verificar sua real necessidade e buscar novas possibilidades de usos para esses. No ano de 1977, Christopher Alexander, arquiteto, matemático e urbanista austríaco, convocou a população para utilizar as faces dos muros de suas casas. O arquiteto afirmava que, “quando apropriadas, as paredes transformam o espaço público em algo como teatros de rua, atraindo pessoas para observarem, caminharem ou simplesmente perderem tempo na rua” (CHRISTOPHER, 1977).

Uma vez implantados nos espaços públicos, a modalidade cultural do grafite, é utilizada como forma de retratar a realidade cotidiana das comunidades, espaços marcados pelo esquecimento que apresentam constante aumento da violência, carência de infraestruturas básicas de serviços públicos, como inexistência de saneamento básico, de rede de energia elétrica, de abastecimento de água, de pavimentação das vias, de falta de escolas, hospitais, agências bancárias e museus. Frente a essa realidade, o movimento

atua como uma representação da condição dos indivíduos e como um grito para serem notados (RAQUEL, 2008 *apud* SANTOS, 2010, *online*).

O grafite é um espaço de berro, de grito e afirmação. É um espaço de fala... Nossas regras são construídas por poucos. Não incluem a minoria e suas demandas nas suas diversidades. Tem sempre uma tensão colocada. E que, fica de fora, excluído dessa ordem, está berrando. Tem várias formas de dar o berro, e uma delas é o grafite. (RAQUEL, 2008 *apud* SANTOS, 2010, *online*).

Essa parcela dos habitantes esquecida e, muitas vezes, ocultada pelo poder público, aguça a percepção, atrai olhares e dialoga com a sociedade por meio das tintas. Sob a óptica antropológica, o grafite, quando aplicado no cenário público contemporâneo, apresenta-se como alternativa de manifestação democrática, e sua existência permite uma leitura particular pelos olhos de quem o vê e interpreta, proporcionando aos espaços novos significados e, por conseguinte, novos olhares (BAUDRILLARD, 1996).

Pode-se dizer que o grafite abrange inúmeros aspectos, entre eles, atua como mecanismo de comunicação entre a cidade e as pessoas, dá vida aos espaços cinzentos, dá voz àquele que é emudecido, transforma as paisagens, atrai olhares de pessoas diversas, conscientiza, homenageia, reivindica, ensina e dialoga.

2.1 O BECO DO GRAFITE

Ao longo dos anos, a arte do grafite vem ganhando espaço em Patos de Minas (MG) devido ao incentivo de grupos de grafiteiros que promovem, de maneira independente, ações em diversos bairros. A prática propiciou à população um maior contato com esse tipo de manifestação artística e uma intensificação na sua disseminação. Entre os movimentos sediados na cidade está o chamado “Invasão de Arte”, projeto promovido pelo grupo Corre Coletivo, que ocorreu em dez edições, levando para as comunidades, além do grafite, músicas, oficinas de arte e declamação de poemas (DANNEMANN, 2015).

Entre os espaços patenses que possuem maior aglomerado de grafites, encontra-se o atualmente conhecido pela comunidade como Beco do Grafite, que já foi contemplado com o projeto Invasão de Arte. A rua tortuosa e estreita já obteve diferentes nomes. Até o ano de 1990, era chamada de Beco 05 de Maio; já em 1991, o vereador Abílio Gomes Ferreira, com o intuito de homenagear Raimundo Alves, propôs ao executivo municipal a alteração do nome e da caracterização da via, por meio da Lei Municipal nº 2.710, de 14 de março de 1991, assim sendo nomeada como Rua Raimundo Alves (DANNEMANN, 2022).

O senhor Raimundo Alves foi uma figura conhecida na cidade na década de 1960. Nasceu no município de São Gotardo e residiu em Patos de Minas por cerca de dez anos, cidade na qual foi motorista de ônibus coletivo e ganhou o coração dos patenses e

paturebas. Raimundo Alves faleceu em sua cidade natal em novembro de 1970 (DANNEMANN, 2022).

Localizada na região leste da cidade, a rua Raimundo Alves e seu entorno foram ocupados anteriormente no ano de 1991 e possuem densidade habitacional de 25 a 75 habitantes por hectare, tais números se apresentam dentro da normalidade para a cidade. A rua é composta unicamente por residências de um pavimento e inexistem comércios no local (PATOS DE MINAS, 2018). Quanto ao fluxo de veículos, predomina apenas o tráfego de automóveis dos próprios moradores, uma vez que a rua é bastante estreita, medindo, em algumas partes, menos de três metros de largura.

Ao longo dos anos, o espaço ganhou novas características a cada dia. A partir do ano de 2010, os muros começaram a ganhar cores por meio do grafite e hoje se pode dizer que o Beco do Grafite é uma galeria de arte a céu aberto em constante transformação (DANNEMANN, 2015). Com as tintas spray e o látex, os artistas da cidade embelezam a paisagem urbana da via, fazendo com que não apenas os próprios moradores frequentemente o espaço e apreciem as obras ali realizadas, mas também visitantes de outros bairros.

3 METODOLOGIA

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos, a pesquisa apresentou caráter investigativo exploratório e contemplou duas etapas que foram desenvolvidas sucessivamente. A fase inicial da pesquisa se baseou no conhecimento do grafite em sua amplitude, objetivando elencar os diferentes aspectos que a prática de grafitar carrega consigo. Para isso, iniciando-se pelo referencial teórico, utilizou-se a interpretação bibliográfica de diferentes autores, a fim de compreender o grafite em sua totalidade e, posteriormente, mas ainda nessa etapa, voltou-se o olhar para a cidade de Patos de Minas, em especial para o Beco do Grafite objetivando conhecê-lo, de modo sucinto, desde seu surgimento.

A segunda etapa teve como foco o Beco do Grafite. Nessa fase, foi feita a análise do espaço no contexto atual; para isso foi realizado um levantamento fotográfico da área. O registro das fotografias possibilitou uma melhor análise dos temas apresentados nos grafites, tendo em vista que essa modalidade de arte apresenta uma grande variedade de estilos, traços e uma vasta composição de cores. O estudo forneceu um diagnóstico pontual referente a um dos grandes núcleos de produção de arte do grafite de Patos de Minas (MG).

4 RESULTADOS

No dia quinze de maio de 2022, no período da tarde, foi realizado o levantamento fotográfico da rua Raimundo Alves por meio de câmera de celular. O trajeto composto, aproximadamente, por 170 metros lineares, foi percorrido e fotografado em cerca de trinta minutos. Ao fim do percurso, os seguintes registros foram obtidos:

Imagem 3: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 4: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 5: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 6: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 7: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 8: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 9: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 10: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 11: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 12: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 13: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 14: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 15: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 16: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 17: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 18: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 19: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 20: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 21: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 22: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 23: Beco do Grafite



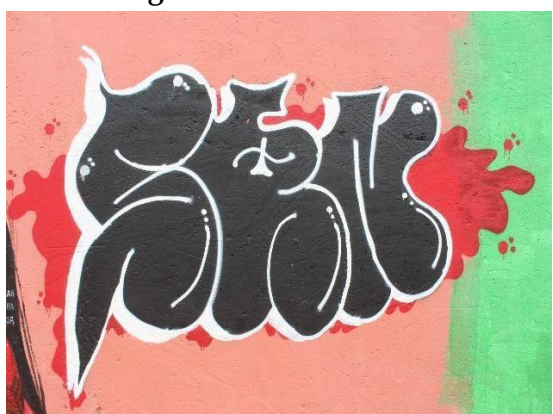
Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 24: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 25: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 26: Beco do Grafite



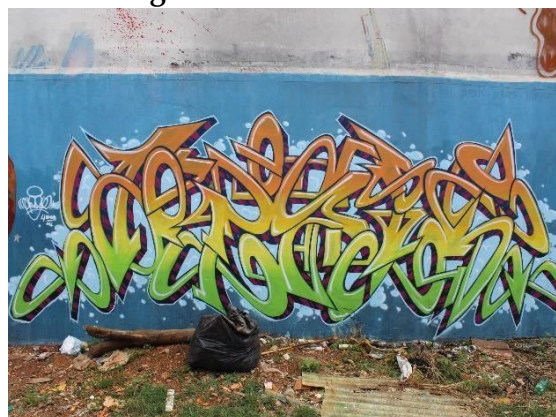
Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 27: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Imagem 28: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

Ao longo do beco, foi possível encontrar uma grande quantidade de grafite, contabilizando cerca de trinta obras dos mais variados estilos. A efemeridade do grafite é facilmente observada ao analisar as imagens acima, sendo notória a existência de três classificações referente ao estado de conservação das obras expostas nos muros. A primeira refere-se àqueles que foram feitos recentemente; a segunda engloba os grafites que já se encontram degradados pela ação do tempo ou dos homens; a terceira abrange os muros que estão sendo cobertos por uma demão de tinta para servirem de novas telas para outros artistas.

Nas fotografias, é possível visualizar que, nesse espaço, os grafiteiros retratam diferentes temas. São eles: personalidades conhecidas pela maioria como Ramón Valdés, intérprete do Seu Madruga no seriado de televisão mexicano “Chaves”, e Bob Marley, cantor e compositor jamaicano; também são representadas faces de indivíduos não tão populares; alguns reproduzem suas assinaturas por diversas localidades, a fim de ocupar aquele espaço; há aqueles que expressam através das tintas pensamentos otimistas, os que estampam mandalas coloridas que representam o símbolo da cura e da espiritualidade; há os que esboçam linhas peculiares que poucos conseguem decifrar; há também os que misturam o místico com o real; há grafiteiros que optam pelos desenhos monocromáticos e os que preferem os multicoloridos.

Foi notado que o espaço é carente de infraestrutura urbana. Foi verificado que, devido a via ser muito estreita, as calçadas são extremamente reduzidas, fazendo com que inexista acessibilidade e segurança. Por conseguinte, os pedestres são obrigados a trafegar pela própria rua disputando espaço com motos, carros e bicicletas. A pavimentação da via é predominantemente de paralelepípedos; contudo, necessita de manutenção, pois, em muitas áreas, há buracos e ondulações, dificultando o tráfego das pessoas.

Em determinados trechos da Rua Raimundo Alves, o esgoto corre a céu aberto propiciando também o aparecimento de insetos e roedores, ameaçando a saúde dos moradores devido à possibilidade de contaminação de doenças como leptospirose, hepatite A e toxoplasmose.

Imagem 29: Beco do Grafite



Fonte: arquivo dos autores, 2022.

Apesar das carências, pode-se observar que as áreas onde o grafite se faz presente atuam como um espaço de respiro para a população, convidando o indivíduo a realizar pequenas pausas no caminhar. Assim, acredita-se que o grafite dá vida e cor aos espaços, contribuindo para a criação de novas narrativas urbanas.

Imagem 30: Beco do Grafite



Fonte: arquivos dos autores, 2022.

5 CONCLUSÃO

A arte de rua implantada nos muros vai contra o que vemos no cenário mundial que segrega e exclui. Transformados em telas para artistas, esses espaços públicos compartilhados tornam-se conhecidos pelo uso democrático. Assim, a utilização dos muros e paredes, áreas que um dia foram representadas pela ausência de usos, torna-se objeto complementar para comunicação da sociedade. Nesse local de reflexão, sobre perspectivas diversas, não se discrimina gênero, classe social, orientação sexual, cor ou estilos.

Foi possível perceber que o grafite possui um papel fundamental na sociedade desde seu surgimento em 1970. O grafite é expressão, queixa, metáfora, diálogo,

contestação. A arte do grafite tem o poder de retratar acontecimentos que nem sempre são observados no ato de falar ou que são intencionalmente ocultados. Através das inscrições produzidas pelos grafiteiros, é possível que cada pessoa faça um tipo de interpretação e construa sua própria narrativa, tendo em vista o seu nível de conhecimento, interesse pela arte, aproximação com os traçados do grafite ou outros fatores.

Nota-se que, no Beco do Grafite, a inserção da arte ocorreu rapidamente devido ao fato de que grande parte dos moradores autorizaram a implantação em seus muros e hoje têm uma relação afetiva e profunda com cada centímetro da rua. Dessa forma, concluiu-se que o grafite ecoa na paisagem urbana como um grito de existência e resistência; sendo assim, uma vez localdos nos entre-lugares, o grafite oferece aos indivíduos distintas formas de perceber e de ocupar a cidade. Desse modo, em suas variadas categorias, é possível afirmar sua capacidade de ressignificar os espaços.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. **A economia política dos signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BRASIL. **Lei nº 12.408, de 25 de maio de 2011**. Altera o art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Brasília, 2011.

CARBALLEIRA, P. Somos uma sociedade que fala muito, narra pouco e escuta menos. **PGL.GAL**, [S. l.], 10 jul. 2021. Disponível em: <https://pgl.gal/paula-carballeira-somos-umha-sociedade-que-fala-muito-narra-pouco-e-escuta-menos/>.

DANNEMANN, E. T. **Grupo Corre Coletivo e o Grafite**. Patos de Minas, 2015. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=13353>.

DANNEMANN, E. T. **Rua Raimundo Alves**. Patos de Minas, 2022. Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=40653>.

FICO, C. Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882004000100003>.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

GANZ, N. **O mundo do grafite: arte urbana dos cinco continentes**. 2. ed. [S. l.]: WMF Martins Fontes, 2011.

GOMES, J. S. **Paixão em estado bruto: movimento hip-hop: palco e projeto de uma juventude**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/18706>.

GUATELLI, I. **Arquitetura dos entre-lugares**. São Paulo: SENAC, 2012.

IVSON, D. O grito dos invisíveis. **Papo de Homem**. 2012. Disponível em:
<https://papodehomem.com.br/o-grito-mudodos-invisiveis/>.

PATOS DE MINAS. **Diagnóstico Plano Diretor**. Patos de Minas, 2018. Disponível em:
<https://lw1360950204511e7149.provisorio.ws/planodiretor/>.

SANTOS, T. M. **Grafite: a leitura dos muros**. UFBA, Salvador, 2010. Disponível em:
<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24406.pdf>.

SOUZA, J.; FIALHO, V.; ARALDI, J. **Hip-hop: da rua para a escola**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.